



## **Oficina de Esportes Paralímpicos: Conscientização pela Prática Esportiva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Felipe Oliveira Gonçalves<sup>1</sup>  
Louise Piva Penteadó<sup>2</sup>  
Morgana Franciele Rios Xavier<sup>3</sup>  
Aline Meneghetti<sup>4</sup>  
Caroline Vetori de Souza<sup>5</sup>  
Claucia Piccoli Faganello<sup>6</sup>  
Diego Almeida dos Santos<sup>7</sup>  
Raquel Fraga S. Raimondo<sup>8</sup>  
Aragon Érico Dasso Junior<sup>9</sup>

A trajetória do esporte para as pessoas com deficiência teve início após a II Guerra Mundial, com o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann, que viu no esporte uma possibilidade de ressocialização e valorização de veteranos de guerra que sofreram injúrias medulares que os impossibilitaram de desempenhar a maioria das atividades. Esses foram os primeiros passos do surgimento do evento esportivo mais importante para as pessoas com deficiência em âmbito mundial. Compreendendo, assim, o esporte como um fenômeno socio-cultural, possibilita-se apresentar a todos os esportes praticados pelas pessoas com deficiência, possibilitando a inclusão e o respeito às diversidades intelectuais, físicas e sociais. O presente trabalho tem como objetivo relatar a oficina de Esportes Paralímpicos desenvolvida na cidade de Marianópolis do Tocantins no Projeto Rondon/Operação Tocantins, em janeiro/fevereiro de 2017. Além disso, analisar a relevância da oficina para o contexto social do município. A oficina foi baseada em 4 modalidades desenvolvidas nas Paralimpíadas Rio 2016 (bocha, futebol de 5, *goalball* e vôlei

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>9</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

sentado). Foram realizadas 5 edições dessa oficina - 3 na zona urbana e 2 nos assentamentos -, com duração de aproximadamente 1h. Inicialmente, foram apresentados os objetivos da oficina e abordadas temáticas sobre os esportes paralímpicos, através de debate e reflexão sobre as capacidades físicas e funcionais dos atletas que participaram do evento, problematizando os preconceitos. O público foi separado em grupos conforme o número de pessoas e disponibilidade de rondonistas. A partir da primeira oficina realizada já foi perceptível que os alunos nunca haviam escutado ou visto algo relacionado aos esportes paralímpicos. Ao serem apresentadas as modalidades esportivas, destacou-se a empolgação na execução das práticas propostas. A vivência desses esportes possibilitou desafiá-los, tendo que utilizarem de seus sentidos (como, audição e tato) para o cumprimento das tarefas, levando-os a superarem seus limites. Através do trabalho coletivo, foi incentivada a comunicação entre os participantes para que chegassem na resolução das dificuldades. No decorrer e no final da oficina houveram momentos de reflexão, vindo os alunos a ter espaço e voz naquele meio. Foram levantadas questões sobre: o nível de dificuldade da prática das quatro modalidades; o nível de treinamento dos atletas; a diferença entre limitação e incapacidade; e as formas de inclusão. Portanto, observou-se que através da oficina de esportes paralímpicos os alunos tiveram o seu primeiro contato com esse outro universo esportivo, vivenciando e explorando as diferentes possibilidades de um contexto sócio-cultural pouco visto pela sociedade.